



## ENCRUZILHADA ATLÂNTICA NA ROTA CAROLÍNGIA – UMA BREVE ANÁLISE DO AUTO DE FLORIPES (PRÍNCIPE- ÁFRICA) E DA LUTA DE MOUROS E CRISTÃOS (PRADO- BAHIA- BRASIL)

Alexandra Gouvêa Dumas<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto trata de questões referentes às aproximações entre dois folguedos. Um que acontece em Prado, cidade do extremo – sul baiano, Brasil e outro na atlântica ilha de Príncipe, na República de São Tomé e Príncipe, na África. As duas cidades, localizadas em países de colonização portuguesa, têm no repertório de suas manifestações populares folguedos que trazem para a cena espetacular a representação de batalhas entre mouros e cristãos. Este trabalho se propõe a fazer um cruzamento e análise entre pontos da “Luta de Mouros e Cristãos”, de Prado e o “Auto de Floripes” de Príncipe.

**Palavras-chave:** Prado – Bahia - Brasil, Príncipe - São Tomé e Príncipe – África, mouros e cristãos.

A encruzilhada é a imagem escolhida para metaforizar uma determinada confluência histórica entre dois folguedos de representação cênica de temática comum. Um deles, denominado “Luta de Mouros e Cristãos”, acontece anualmente, no dia 02 de fevereiro, em comemoração a São Sebastião, na cidade de Prado<sup>2</sup>, extremo sul baiano, Brasil. O outro é o “Auto de Floripes”, que acontece no dia de 10 de agosto, dia de São Lourenço, na ilha de Príncipe<sup>3</sup>, República de São Tomé e Príncipe, no Golfo de Guiné, África.

Apesar da distância territorial, os folguedos denominados “dramas carolíngios<sup>4</sup>”, tem uma estreita aproximação matricial. São oriundos, ou assim declarados por quem os

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

<sup>2</sup> Prado fica localizada no extremo sul baiano, distante cerca de 810 km da capital. Faz parte da região do Descobrimento, esta assim denominada por ser composta pelos locais onde os portugueses tiveram os primeiros contatos com os nativos, em 1500. A cidade tem, segundo o IBGE, cerca de 14 169 habitantes vivendo em área urbana.

<sup>3</sup> “A República de São Tomé e Príncipe é composta por duas ilhas principais (São Tomé e Príncipe) e por cerca de 20 ilhotas. Situada no Golfo de Guiné, a 220 km do Gabão, a ilha de São Tomé situa-se precisamente sobre o equador. A ilha de Príncipe está situada a norte da ilha de São Tomé”. (Fonte: [www.turismo-stp.org](http://www.turismo-stp.org). Acesso em março de 2007). “O estado insular localizado no Golfo da Guiné foi desabitado até 1470, quando foi descoberto por navegadores portugueses. Após cerca de 500 anos de controle português o arquipélago foi descolonizado em 1975. A ilha do Príncipe é a menor ilha do arquipélago, com 136 km<sup>2</sup>. A capital é Santo António, com uma área de 142 km e uma população estimada, em 2004, de 5 400 habitantes. Em 1753 uniu-se a São Tomé para formar a Colônia São Tomé e Príncipe”. (Fonte: [www.wikipédia.com](http://www.wikipédia.com). Acesso em 03/ 04/ 2007).

<sup>4</sup> Carolíngio é uma referência ao livro épico-medieval “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França”, narrativa de base oral e escrita que influenciou, no Brasil, nas Américas e na Europa, diversas manifestações populares. Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, define como: “Obra popularíssima em Portugal e no Brasil, leitura indispensável por todo o sertão, inúmeras vezes reimpressa

fazem, de uma mesma história, de um mesmo livro, “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França”.

Colocar os dois folguedos numa perspectiva de encruzilhada passa pelo significado que o pesquisador folclorista Câmara Cascudo dá a este termo. Para ele, este é o lugar “onde os caminhos se cruzam, *quadrifurcus*, *quatrivium*, lugar clássico de invocações e encantamentos para todos os povos (...)” (CASCUDO, 2001, p. 212). Considera-se aqui não só os pontos de cruzamentos, mas também os caminhos, as extensões antecedentes e conseqüentes para a efetivação das interseções culturais. O encantamento se estende nas considerações simbólicas que se cruzam aos processos históricos e estéticos em alegorias dos folguedos em questão.

Considerando a representação do termo “encruzilhada” vindo da imagem da cruz — objeto de armação composto por duas retas transversais, estendendo-se em quatro braços a partir do ponto de interseção — as culturas que se interceptam são a pradense e a santomense, que se lançam, transitam e se expandem a partir das matrizes ibéricas, africanas e brasileiras.

Já os pontos de interseção entre os dois lugares citados estão caracterizados nos espaços comuns da colonização portuguesa, da escravidão e do trânsito atlântico.

Partindo das representações cênicas baseadas na literatura sobre Carlos Magno, este ensaio faz um esforço no sentido de conhecer e compreender as encruzilhadas culturais formadas nos processos históricos das idas e vindas de corpos transmissores de vida, hábitos, conhecimentos, desejos, memórias, etc. Serão apresentadas cenas referenciais não na tentativa de buscar uma genealogia ou uma naturalidade destas manifestações, mas de evidenciar a imagem do mar como sendo análoga na afluência estética da “Luta de Mouros e Cristãos” e do “Auto de Floripes”. A estrada marítima é aqui considerada com seus caminhos fluidos e efêmeros — por transcorrer sem deixar poeiras, rastros ou marcas tangíveis e evidentes de navegação — , mas que na vasta extensão líquida se constitui como via condutora do balanço, da troca e da movimentação na formação de diversas manifestações culturais presentes nos dois continentes.

Estas representações de combates entre mouros e cristãos se particularizam nas suas formas de expressão, especialmente nos aspectos artísticos que tangem o roteiro,

---

e tendo ainda o seu público leitor fiel e devotado. Fornece material aos cantadores, e muitos episódios tiveram redação em versos, constituindo temas de cantos e leituras entusiásticas”. CASCUDO, 2001, p. 114.

personagens, figurino etc. Entretanto, percorrendo algumas particularidades, serão apresentadas certas procedências, que são seus pontos de contato comuns.

O primeiro ponto de interseção diz respeito ao processo colonizador lusitano. O Brasil e a República de São Tomé e Príncipe viveram sob o comando da Coroa Portuguesa. O primeiro de 1500 a 1822 e o segundo de 1470 a 1975. Ou seja, viveram um período comum de cerca de três séculos sob uma dominadora convivência com a cultura portuguesa. Entre as intenções de conquista e dominação da Coroa no Brasil e na África estava a catequização religiosa. Para a efetivação deste ideal eram utilizadas, dentre suas estratégias, as atividades teatrais, a exemplo das representações de autos — um tipo de composição dramática. No Brasil, estas peças se mesclavam com fragmentos da cultura indígena, localizando o índio como representante do Mal. Ronaldo Vainfas faz referência a um destes autos com “situações históricas e traços da cultura nativa”, encenados no Brasil, em Niterói, no ano de 1560.

Um dos melhores exemplos se encontra no *Auto de São Lourenço*, também conhecido por *Festa de São Lourenço*. (...) Num dos atos da peça, aparecem os demônios a se jactar de suas façanhas, o diabo-mor chamado de Guaixará, e seu auxiliar de Aimbirê — e perduram nisso até serem debelados pelas forças do bem, anjos e santos. Vale destacar que os feitos e façanhas de que se jactam os demônios da peça resumem traços importantes da cultura indígena, a exemplo da antropofagia e das bebedeiras regadas a *cauim*. (VAINFAS, 2000, p. 59)

Segundo Vainfas, quando os tipos indígenas eram colocados como demônios, o

(...) jesuíta estigmatizava a um só tempo os costumes indígenas considerados maus e a aliança com os franceses hereges, inimigos de Portugal. Nem o fato de Aimbirê real ter passado para o lado lusitano escapou ao criador do *Auto de São Lourenço*, que fez seu personagem arrepender-se e atuar na punição do imperador romano que martirizara São Lourenço e São Sebastião. (VAINFAS, 2000, p. 59)

Os dois últimos santos citados são os homenageados nos dramas carolíngios que acontecem em Príncipe e Prado, respectivamente. A relação dos dramas catequéticos aos carolíngios que acontecem ainda hoje revela um marca comum no roteiro no que diz respeito ao princípio do Bem contra o Mal. Na Luta de Mouros e Cristãos há uma associação do grupo Mouro, que se veste de vermelho, aos índios. Esta relação aparece mais nos discursos dos brincadores, atores dos folguedos, do que na cena representada. É possível ouvir depoimentos do tipo: “Somos guerreiros, cabôco que nem o santo [São

Sebastião]”<sup>5</sup>, afirma o mouro pradense Irдинho, colocando num mesmo lugar índios e mouros.

Os dramas carolíngios aqui analisados têm no seu eixo dramático a oposição Bem- Mal caracterizada nos respectivos grupos Cristãos e Mouros. As representações destacam as virtudes e a soberania cristãs num enredo onde o grupo Cristão sagra-se sempre vencedor, conquistando a conversão dos mouros.

Provavelmente a pedagogia jesuítica posta em prática no ultramar português também deve ter sido usada no território santomense com a exploração da encenação como estratégia de dominação cultural. A presença do Auto de Floripes, ainda hoje, é um indício do ideal evangelizador pregado pelos portugueses durante séculos de colonização. Nesta encenação o Mal está localizado na cultura muçulmana e o ideal do Bem relacionado aos personagens católicos. O cavaleiro cristão, Osvaldo Moreira, afirma: “Toda a coisa dos cristãos trabalha mais com Deus, oração, a Bíblia e só. Mouro é uma coisa de Lúcifer, de Diabo”<sup>6</sup>.

No auto africano isto é representado na desmedida paixão da princesa moura Floripes pelo cristão Guy de Borgonha, motivo pelo qual ela se converte ao catolicismo favorecendo a vitória dos cristãos em detrimento da liderança do seu pai, o Imperador mouro Balão e do seu comando religioso e político. Em nenhum momento o valor ético da conduta da princesa é questionado, desde quando este serve aos interesses de propagação da conquista cristã.

Na Luta de Mouros e Cristãos o Mal está representado na derrota do grupo mouro após uma sucessão de disputas verbais e duelos de espada com os cristãos. A cena final apresenta o grupo mouro preso e sendo conduzido ao batismo católico no interior da igreja.

O panorama estético oferece algumas associações do ideal católico maniqueísta com outros elementos cênicos. As cores que caracterizam os grupos opostos estão presentes nos figurinos. A antinomia do vermelho e do azul, como cores quente e fria, terrena e celestial, demoníaca e angelical, mal e bem, respectivamente afiguradas nos mouros e cristãos, é utilizada em Prado e em Príncipe.

Se o caráter evangelizador da dramaturgia e da encenação atendeu aos anseios da Coroa, muito provavelmente, na cena atual, este princípio converge para novos cruzamentos, interesse, interpretações e outras significações.

---

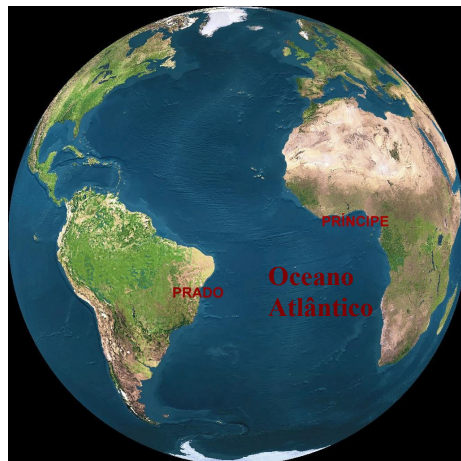
<sup>5</sup> Hildiberto Coelho Ferreira. Nasceu em Prado, no dia 16 de janeiro de 1925 e morreu em janeiro de 2003. Depoimento concedido em 02/ 02/ 2002.

<sup>6</sup> Depoimento copiado do livro *Floripes Negra*, de Augusto Baptista, 2001, p. 15.

Do processo de colonização pela Coroa portuguesa chega-se no segundo ponto de análise: a localização geográfica. No centro o Oceano Atlântico, nas suas margens fronteiras, Prado e Príncipe. Partindo da cultura agrária predominante no período colonial, os engenhos de cana-de-açúcar fizeram parte da economia colonial brasileira e santomense. Neste período foi intenso o tráfego de escravos entre África e Brasil, entre São Tomé e Príncipe e a Bahia, com naus que transportavam pessoas para trabalhar nos rentáveis engenhos de cana-de-açúcar.

A pesquisadora e etnomusicóloga portuguesa Rosa Clara Neves diz que:

(...) foi com a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 e com o desenvolvimento económico deste novo mundo que a escravatura veio ocupar um lugar preponderante em São Tomé e Príncipe, uma vez que as duas ilhas foram utilizadas como locais de passagem e de paragem para os inúmeros barcos negreiros que realizavam as viagens de ligação entre África e as Américas. (NEVES, 1995)



Prado- Brasil (à esquerda) e Príncipe- África (à direita): Localizações aproximadas.

Grande quantidade de escravos africanos vindos para as Américas teve como destino o Brasil, cerca de 40% de todo o contingente. A localização costeira foi um dos fatores de favorecimento para estas navegações e trocas comerciais. O tráfico foi praticado com o aval da Igreja representada pelos papas que, “entre outras disposições, autorizaram o cativo de infiéis e pagãos como meio de convertê-los ao cristianismo”. (VAINFAS, 2000, p. 553). Dentro desta rede comercial, Vainfas coloca São Tomé como sendo o centro estratégico do tráfico proveniente da África Ocidental.

No trânsito de fluxos e refluxos intercontinental, com objetivos preferencialmente comercial e escravocrata, outras ações de trocas simbólicas aconteceram nas navegações atlânticas. “Deslocamentos de identidades”, “perda, exílio e viagens”, estudados por Paul Gilroy no livro *O Atlântico Negro*, podem ser observadas nos dramas carolíngios. Sobre o Tchiloli, drama carolíngio que acontece na

ilha vizinha a Príncipe, em São Tomé, Rosa Neves afirma que as (...) investigações recentes sugerem que os movimentos de populações não foram apenas num sentido e que terá havido também intercâmbio de pessoas das Américas para África (NEVES, 1995).

Talvez este intercâmbio ao qual se refere Neves seja representado num ícone dos dois folgedos: a espada. A espada ocupa uma parte significativa no drama, por ser utilizada tanto como componente presente na caracterização da quase totalidade dos personagens, tanto por ser o objeto de destaque num estágio de expressiva espetacularidade da apresentação, que é o momento da “luta de espadas”, quando mouros e cristãos partem para o enfrentamento corporal direto, em ação com as espadas. Este objeto cênico tem uma mesma matéria- prima para a sua confecção. Tanto em Príncipe como em Prado são utilizadas molas de carros velhos como metal na base da construção, numa prática artesanal desenvolvida por serralheiros locais, revelando, além de coincidências, possíveis diálogos de conhecimentos.

É nesta perspectiva, que a metáfora marítima coaduna com o pensamento de Armindo Bião referente à encruzilhada de conhecimentos, de culturas aplicadas em práticas relativas ao patrimônio imaterial na Bahia. O Atlântico reconhecido como espaço simbólico de trocas pode ser visto como

um contexto de encontro entre tantas vertentes de atuação que corresponde ao desafio de seguir-se um caminho, passando-se pela encruzilhada, sem ignorá-la e também sem ignorar as outras opções de caminhos, percorrendo-os todos cada um em seu tempo, mas com tal intensidade, que chegam a parecer eventualmente simultâneos, ainda que de modo imaterial. (BIÃO, 2004, p. 17).

A encruzilhada serve como possibilidade de compreensão da interseção das linguagens oral, escrita e cênica presentes na transmissão do conhecimento, nas permanências, adaptações e transformações. Desta forma, o espaço da imaterialidade afro-lusitana-brasileira configura-se como lugar profícuo de investigação, aqui brevemente apresentada num objeto literário, nas narrativas orais, nas encenações, materializada e marcada pela encruzilhada lingüística da triangulação marítima envolvendo, em planos gerais, Portugal, África e Brasil.

Compreendendo a encruzilhada como sendo o “cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram”, a pesquisadora Leda Martins faz uma reflexão

sobre questões referentes à diáspora, tratando de folguedos como os Reinos Negros e as Congadas de Minas Gerais.

(...) os Reinados negros podem ser lidos como um micro-sistema que opera no interior do macro-sistema, dramatizando um modo de reelaboração secular e religioso diverso, inscrito no cotidiano das comunidades, expressão de uma cosmovisão e de uma vivência do sagrado singulares. A sintaxe que organiza os ritos e toda a representação simbólica deriva-se da narrativa fundadora, tecida pelo cruzamento do texto católico com repertórios textuais de arquivos ágrafos africanos, reencenados como um texto terceiro, pela tradição oral. (MARTINS, 1997, p. 47)

Para ela,

O termo *encruzilhada*, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 1997, p. 28)

É compreendendo a encruzilhada marítima como espaço de encontros e cruzamentos culturais envolvendo populações africanas, brasileiras e ibero-lusitanas que os tradicionais folguedos se atualizam e se singularizam. Na Luta de Mouros e Cristãos a cultura indígena é um traço na composição conceitual, localizando no índio o “infel” de outrora. No Auto de Floripes alguns rituais também distinguem a encenação. Segundo depoimento de Bião, a partir da sua apreciação do folguedo em Príncipe, a atriz que interpreta a princesa Floripes é submetida, antes da apresentação, a um “banho-de-cheiro”, ou seja, uma imersão em folhas e ervas, prática típica da cultura tradicional afro-religiosa, realizada com intuito de proteger o corpo contra azar, mau-olhado.

Mesmo apresentando, de forma evidente, aspectos da cultura lusitana, os dramas carolíngios que ainda acontecem no Brasil, na cidade de Prado e na ilha africana de Príncipe, são atravessados por traços da subjetividade cultural ancestral e atual, individual e coletiva infundidos pelo trânsito cultural do (s) lugar(es) onde e com que se expressam.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Augusto. **A Floripes Negra**. Coimbra: Cena Lusófona, 2001.

BIÃO, Armindo. **Uma encruzilhada chamada Bahia: o que este em jogo, qual é o problema e algumas práticas relativas ao patrimônio cultural imaterial na Bahia, Brasil**. In: Revista da Bahia, Salvador, maio de 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1988.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Mouros e cristãos: cenas de um folguedo popular da cidade do Prado- Bahia**. Salvador: PPGAC/ UFBA, 2005. (Dissertação de Mestrado)

FLAVIENSE, Alexandre Caetano Gomes. **História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França**. Traduzida do castelhano por Jeronymo Moreira de Carvalho. Dividida em duas partes e nove livros e seguida da de Bernardo Del Carpio que venceu em batalha aos doze pares de França. Rio de Janeiro: Livraria Império, s/d.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Editora Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NEVES, Rosa Clara. **Tchiloli de São Tomé: identidade cultural numa nova nação africana**. CIOE n° 4 Inverno-Primavera. Portugal, 1995.  
<http://www.es.e.ips.pt/cioe/multicultural/artigos.html>. Acesso em março, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart- Fonseca dos. **Souvenirs des Chrétiens et des Maures (Portugal, Brésil, Príncipe): le Jeu de Floripes**. Eclats d'Empire: du Brésil à Macao, (Idelette Muzart- Fonseca dos Santos, Ernestine Carreira, orgs.), Paris, Maisonneuve et Larose, 2003.

VAINFAS, Ronaldo (dir). **Dicionário do Brasil Colonial (1500 a 1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.